



O MANTIMENTO QUE A TERRA DÁ: CONTRIBUIÇÕES DA MANDIOCA (*MANIHOT SPP.*) PARA O PROCESSO COLONIZATÓRIO DA AMÉRICA PORTUGUESA NO SÉCULO XVI

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3592

Nathália Moro, UEM

Christian Fausto Moraes dos Santos, UEM

Resumo

A chegada dos europeus à América portuguesa, a partir do século XVI, trouxe consigo uma série de desafios. Adaptar-se a um espaço totalmente desconhecido foi o principal deles. Para que o processo colonizatório se desenvolvesse, os europeus buscaram compreender a dinâmica da natureza do Novo Mundo através de um minucioso método de observação e estudo. O contato com as culturas nativas também foi de extrema importância por proporcionar o conhecimento de técnicas de cultivo e de preparo dos alimentos encontrados na colônia. Em suas descrições, colonizadores, viajantes e missionários utilizavam o método comparativo ao relatarem o novo espaço em que estavam inseridos. Uma das plantas mais analisadas durante este processo foi a mandioca. Esta raiz já era um dos principais alimentos consumidos pelos indígenas e mostrou-se interessante aos europeus devido ao seu fácil cultivo, grande disseminação territorial e alta adaptação ao clima sul-americano. As duas espécies principais, a *Manihot esculenta* e a *Manihot utilisima*, logo foram vistas pelos colonizadores como um alimento estratégico por serem facilmente cultivadas e proporcionarem várias manufaturas que poderiam ser conservadas por mais tempo. Ao longo desta comunicação visamos compreender a relevância que esta raiz teve para a adaptação dos europeus e para todo o desenvolvimento da colonização da América portuguesa quinhentista. Através do estudo das descrições morfológicas da mandioca, analisaremos como o método comparativo era utilizado pelos recém-chegados e qual sua função na compreensão acerca da natureza do Novo Mundo.

Palavras Chave:

Mandioca; América portuguesa; Século XVI.

Introdução/ justificativa

A América tornou-se uma nova fonte de alimentos para a Europa após a chegada dos primeiros europeus ao continente. O gosto por vários sabores e a possibilidade de uma dieta mais diversificada surgiram no Velho Mundo a partir do século XVI (FRANCO, 2004, p. 115). Grande parte do conhecimento acerca da natureza americana foi obtida pelos colonizadores a partir do contato com as culturas indígenas que, muitas vezes, já utilizavam técnicas agrícolas mais avançadas que as da Europa e alimentavam-se de forma mais variada que a maioria dos europeus (ibidem, p. 115).

Para provarem o que haviam encontrado nas novas terras, os viajantes recorriam aos meios disponíveis da época: crônicas e cartas. Eles descreviam aquilo que observavam e que mais lhes chamava a atenção e, no regresso a Europa, levavam os produtos mais representativos das regiões encontradas (FERRÃO, 1992, p. 10). Assim, através dos seus descobrimentos puderam conhecer novas plantas, algumas das quais assumiram uma importância enorme nos locais onde foram introduzidas e acabaram modificando a economia das regiões, provocaram alterações mais ou menos profundas nas técnicas agrícolas e nos hábitos alimentares de extensas regiões do globo (ibidem, p. 10).

Ao identificarem as plantas que faziam parte do cotidiano dos nativos, os viajantes rapidamente tiveram contato com a mandioca (*Manihot spp.*), um dos alimentos mais importantes da América portuguesa. A partir de então, observar e descrever essa raiz tornou-se uma das práticas mais recorrentes nos relatos quinhentistas, principalmente, porque ela foi adotada pelos europeus em substituição ao trigo (*Triticum spp.*) (DEL PRIORE & VENANCIO, 2006, p. 21, apud SILVA, 2008, p. 14) que não se adaptou muito bem aos climas do atual nordeste brasileiro.

Dessa forma, a mandioca passou a ser explorada não apenas pelos nativos, mas também pelos colonizadores europeus. Em outras palavras, podemos afirmar que essa planta tornou-se um alimento essencial dentro da colônia. Por isso, ao examinarmos as descrições a respeito dela, buscamos compreender como sua contribuição foi fundamental para a construção da dinâmica colonizatória da América portuguesa.

Objetivos

Ao longo deste artigo buscamos examinar registros históricos de colonizadores, viajantes e religiosos do século XVI que nos permitem visualizar melhor qual o método de estudo era empregado pelos europeus em seus estudos acerca do Novo Mundo. Objetivamos analisar as descrições da mandioca como exemplo de um alimento importante tanto para as culturas nativas quanto para a adaptação dos colonizadores europeus, considerando a grande contribuição dos conhecimentos indígenas no decorrer desse processo. Para que isso seja possível, visamos construir uma análise histórica que priorize o estudo das relações humanas e suas interações com o meio ambiente.

Resultados

Com a descoberta de plantas, animais e populações completamente diferentes, o interesse dos europeus em entenderem a natureza americana e a sua dinâmica foi, extraordinariamente, grande. Para isso, eles utilizaram a semelhança como método de estudo até o final do século XVI. Ela possibilitava a combinação do mais visível com o mais oculto ou, em outras palavras, a aproximação dos elementos conhecidos do Velho Mundo com os recém-descobertos do Novo Mundo. Assim, as similitudes permitiam aos viajantes

quincentistas determinar a forma do conhecimento ao mesmo tempo em que garantiam a riqueza de seu conteúdo (FOUCAULT, 1999, p. 40).

Como todos os outros, os relatos quincentistas a respeito da mandioca foram construídos com base nesse método de estudo. Gabriel Soares de Sousa, por exemplo, visando descrever a morfologia dessa raiz, afirma que a:

Mandioca é uma raiz da feição dos inhames e batatas, e tem a grandura conforme a bondade da terra, e a criação que tem. Há casta de mandioca cuja rama é delgada e da cor como ramos de sabugueiro, e fofos por dentro; a folha é de feição e da brandura da parra, mas tem a cor do verde mais escura; os pés dessas folhas são compridos e vermelhos, como os das mesmas das parreiras (1971, p.172).

Apenas neste trecho, o senhor de engenho português utiliza quatro elementos conhecidos na Europa: o inhame, a batata, o sabugueiro e as parreiras. Isso permite que ele consiga descrever de maneira, aproximada, o tamanho e a aparência de uma planta que conheceu há pouco tempo. Outro português, Pero de Magalhães Gandavo, também teve a preocupação de informar o tamanho e a forma das raízes da mandioca. Para isso, ele comparou seu tamanho e comprimento aos inhames de São Tomé, e sua forma aos cornos de boi (2008, p. 107).

Uma característica marcante das sociedades humanas ao emigrarem é procurar manter, ou ao menos reproduzir, condições mais próximas possíveis das suas áreas de origem. Isso, conseqüentemente, se aplica ao tipo de alimentação e aos sistemas de atividade que praticam (FERRÃO, 1992, p. 41). Por isso, além de observarem a natureza do Novo Mundo, os colonizadores também tentaram implantar plantas do Velho Mundo na colônia. No entanto, na maior parte das vezes, essas experiências não apresentaram o sucesso esperado, fazendo com que eles adotassem espécies

semelhantes no lugar das que já eram conhecidas. Um exemplo disso foi a tentativa de cultivar o trigo (*Triticum spp.*) na América portuguesa. Este cereal já era muito consumido pelos europeus e cultivado em áreas com o clima temperado. No entanto, quando os europeus tentaram cultivá-lo nos climas equatorial úmido, tropical, tropical litorâneo e tropical semiárido não obtiveram bons resultados (MOTA, 1980, apud CAMARGO et al, 2004, p. 505). Ambrósio Fernandes Brandão, um senhor de engenho português, descreve que, apesar de ter conseguido plantar trigo na capitania de Pernambuco, a sua colheita lhe gerou muito trabalho porque o cereal não amadureceu todo de uma vez (1966, p. 121).

Rapidamente os viajantes concluíram que naquelas terras havia outros mantimentos que dariam menos trabalho e que eram mais baratos do que o trigo (GANDAVO, 2008, p. 49). A mandioca tornou-se, então, o principal alimento a substituir o trigo nas refeições dos europeus. Entretanto, era indispensável que os colonizadores aprendessem a identificar e diferenciar as duas espécies principais dessa raiz: a *Manibot esculenta*, denominada de mandioca mansa e a *Manibot utilissima*, conhecida popularmente como mandioca brava devido seu alto teor de ácido cianídrico que pode causar a morte de quem consumi-la indevidamente. Com frequência, as raízes e os tubérculos apresentam substâncias venenosas em seus tecidos de armazenamento como uma forma de evitar seu consumo e manter sua sobrevivência em condições naturais (LÉON, 1976, p. 21). Utilizar plantas silvestres implica um conhecimento de técnicas exploratórias refinadas que vão muito além da simples coleta de espécies. Por isso, podemos considerar que poucos povos transformaram uma planta tão venenosa quanto a mandioca em alimento (LÉVI-STRAUSS, 1987, p. 29-30).

A fim de diferenciarem as espécies da mandioca em seus relatos, os europeus utilizavam os termos aipim e macaxeira para descrever a mandioca mansa, enquanto a mandioca brava era denominada apenas de mandioca. Diversos relatos apontam a toxicidade que estava presente na *Manihot utilissima*. José de Anchieta, um padre jesuíta espanhol, é bem categórico ao afirmar que: “[...] os homens que a comem crua ou bebem sua água arrebentam e morrem [...]” (1988, p. 435). O jesuíta português, Fernão Cardim, também é bem objetivo ao dizer que quem bebe a água da mandioca só possui vida até que ela chegue ao seu estômago (2015, p. 19). Nestes dois exemplos, o termo “água” foi empregado pelos missionários para descrever o líquido venenoso que era extraído da mandioca a partir de técnicas e instrumentos indígenas. Como os indígenas já sabiam reconhecer as duas plantas e extrair o veneno da mandioca brava a partir de uma prensa denominada tipiti, o processo de aprendizado a partir da observação mostrou-se, mais uma vez, indispensável aos colonizadores.

Outro aspecto que ocupava muito tempo do estudo dos observadores era a descrição morfológica das duas espécies da mandioca. O franciscano francês André Thevet também se valeu do método das similitudes ao relatar que as raízes da mandioca possuem a grossura de um braço e um pé e meio, ou dois, de comprimento. Ele descreve, ainda, que essa planta cresce até cerca de 4 ou 5 pés acima do solo (1978, p. 192). Gandavo (2008, p. 107) e Cardim (2015, p. 18) comparam, respectivamente, sua altura ao tamanho de um homem e a 15 palmos. Podemos concluir que tais observações eram minuciosas, uma vez que a altura da mandioca pode variar de 1 a 5 m, sendo mais comum, no entanto, encontrar plantas que variam entre 1 e 3 m de altura (CEBALLOS; DOMINGUEZ; FUENTES, 1983, p. 30). Por questões utilitaristas, os europeus preocuparam-se, particularmente, em analisar o tamanho das raízes e a altura que a mandioca pode

atingir. Tais informações foram estratégicas na busca pelo conhecimento de uma planta que podia ser transformada em diversos pratos e cultivada com facilidade.

Considerações Finais

Ao estudarmos as descrições de cronistas, missionários e colonizadores acerca da América portuguesa no século XVI podemos compreender como a descoberta de uma nova natureza e de populações humanas no Novo Mundo obrigou os pensadores a formularem novas teorias biogeográficas (LLORENTE-BOUSQUETS; PAPAVERO; TEIXEIRA, 1997, p. 35). Com a expansão do contexto geográfico e biogeográfico do século XVI, os europeus tiveram que aprender a lidar com uma fauna e uma flora antes inimagináveis. O método das similitudes, empregado ao longo do século XVI, possibilitou que, através da comparação da natureza conhecida, eles estudassem e compreendessem aspectos extraordinariamente novos.

Nosso objetivo com este relatório foi apresentar, através do exemplo das descrições da mandioca, como o conhecimento da natureza americana foi fundamental para a dinâmica colonizatória. Não pretendemos desconsiderar as questões humanas frente às questões ambientais. Pelo contrário, visamos demonstrar como a análise de relatos, que muitas vezes acabam passando despercebidos, são essenciais para a construção do conhecimento a respeito da América portuguesa quinhentista. Em outras palavras, acreditamos que a História não deve ser estudada de forma individual, mas sim levando em consideração as diversas relações estabelecidas entre o homem e o ambiente em que ele está inserido.

Referências

CAMARGO, Celina Maria de Oliveira et al. Influência das temperaturas mínima e máxima em características de qualidade industrial e em

rendimentos de grãos de trigo. **Ciênc. Tecnol. Aliment.**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 505-515, out./dez. 2004.

CEBALLOS, Luis Fernando; DOMINGUEZ, Carlos E.; FUENTES, Cilia. Morfología y fisiología. Morfología de la planta de yuca. In: DOMINGUEZ, Carlos E. (comp.). **Yuca: Investigación, producción y utilización**. Cali: CIAT/PNUD, 1983. p. 27-49.

FERRÃO, José E. Mendes. **A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses**. 2ª ed. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos portugueses; Fundação José Berardo, 1992.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANCO, Ariovaldo. **De caçador a gourmet**. Uma história da gastronomia. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

LÉON, Jorge. Origin, evolution, and early dispersal of root and tubers crops. In: **Proceedings of the 4th Symposium of the International Society of Tropical Root Crops**. Colômbia, 1976; Ottawa, 1977. p. 20-36.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O uso das plantas silvestres da América do Sul Tropical. In: RIBEIRO, Darcy (Ed.). **Suma Etnológica Brasileira**. 2 ed. Petrópolis: FINEP; Vozes, 1987. p. 29 – 46. V. 1.

LLORENTE-BOUSQUETS, Jorge;
PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante

Martins Teixeira. **História da Biogeografia no Período Pré-Evolutivo**. São Paulo: FAPESP, Plêiade, 1997.

SILVA, Henrique Ataíde da. **Mandioca, a rainha do Brasil?** Ascensão e queda da Manihot esculenta em São Paulo. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

Fontes

ANCHIETA, José de. **Cartas Jesuíticas 3 - Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogos das grandezas do Brasil**. 2. Ed. Recife: Imprensa Universitária, 1966.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2015.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1971.

THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.